

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

O playboy e a avenida

Rolf Eden, 81 anos, é o mais famoso — e talvez o único — playboy de Berlim. Sempre de terno branco, sempre sorrindo nas colunas sociais, me fez lembrar de Jorge Guinle. O boa-vida Jorginho, herdeiro do Copacabana Palace, tinha o maior orgulho em dizer que nunca havia trabalhado. Já Rolf Eden, filho de judeus alemães, típicos comerciantes burgueses, não ganhou sua fortuna de mão beijada. O que os dois têm em comum: a proffissão, playboy. Uma vida inteira dedicada à diversão e a conquistar o coração das mulheres.

A vida de Jorge Guinle poderia ter virado filme, quem sabe isso ainda aconteça. No caso de Rolf Eden, a ideia já saiu do *script* e rendeu dois documentários neste ano, um para televisão e outro para cinema. No longa-metragem "The big Eden" que teve *première* na Berlinale 2011, o diretor Peter Dörfler apresenta Rolf Eden como uma verdadeira instituição da boa vida. Eden não é ator profissional, mas já atuou em mais de 30 produções desde 1959, e, como dedicado cinegrafista amador, registra há décadas episódios da sua vida, essencialmente amorosa. O filme mostra que Eden vive sua vida louca hoje como há 50 anos, só que está aposentado. Ele se mantém com a renda do aluguel de seus numerosos imóveis.

Rolf Eden é uma figura, um homem que diz amar todas as mulheres. Ele tem sete filhos de sete das mil mulheres que já passaram por seus lençóis. Nascido em Berlim, emigrou para a Palestina com a família nos anos 1930, fugindo dos nazistas. Lutou contra os árabes pelo Estado de Israel e foi pai pela primeira vez no *front*. Retornou à Alemanha em 1957 e, com a indenização de 6 mil marcos oferecida pelo governo alemão aos judeus perseguidos, abriu o seu primeiro negócio, um clube de jazz. De lá para cá, o Rei da Noite de Berlim se tornou figura frequente na mídia.

Seu clube mais famoso foi a discoteca Big Eden, aberta em 1967 e *hit* nos anos 1970. Rolf Eden ditou as regras da *nightlife* berlinense durante décadas. Seus clubes movimentaram o boulevard mais importante de Berlim Ocidental, a Kurfürstendamm — ou Ku'damm, apelido carinhoso.

Sobre o significado dessa rua para ele, Rolf Eden declarou: "É o meu lar. Há 50 anos estou ali pelo menos três vezes por dia. Não há nada como a Ku'damm. Só com a Champs Elysées se pode compará-la".

A Ku'damm foi construída em 1885 a mando do general Otto von Bismarck, que, depois de marchar vitorioso na Champs Elysées ao fim da guerra franco-prussiana, decidiu que Berlim precisava de uma avenida como aquela. Da sua construção até os anos 1920, a área da Ku'damm se tornou o centro da vanguarda nas artes e nos costumes, ponto de encontro dos protagonistas da intelectualidade, da vida noturna e do comércio na capital.

Antes da Segunda Guerra, 30% dos moradores da Ku'damm eram judeus. Com a ascensão do nazismo, as famílias judias foram forçadas a emigrar e perderam propriedades e negócios. São incontáveis as vítimas dessa perseguição. E testemunha disso são as muitas placas de memória e as pedras cravadas em forma de paralelepípedos

dourados com o nome das vítimas do Holocausto em frente aos prédios onde viveram.

Em uma Berlim arruinada ao fim da guerra, a Ku'damm foi reerguida em tempo recorde e se restabeleceu como o lugar para ver e ser visto, sentar nos cafés, ir ao cinema e teatro e comprar nas boutiques. Essa atmosfera se complementa com a vida noturna, as discotecas dos anos 1970, os bordéis e as sexshops de Beate Uhse. Era uma avenida efervescente e movimentadíssima, reunindo tudo do mais sofisticado ao mais degradante. Por muito tempo, a Ku'damm seguiu sendo o coração da Berlim Ocidental. Quando o muro caiu, os alemães orientais estavam loucos para ver e desfrutar daquele parque de diversões. Eles chegaram em bandos invadindo a Ku'damm e formavam filas quilométricas em bancos para recebimento do Begrüßungsgeld (100 marcos ocidentais de boas-vindas) e depois com dinheiro no bolso queriam comprar de tudo.

Mas, a partir dos anos 1990, os efeitos da reunificação fizeram com que a parte mais interessante da cidade

se transferisse para o bairro Mitte. Ao longo da Friedrichstrasse, antes área de fronteira, desenvolveram-se restaurantes, hotéis de luxo e centros comerciais chiques. A Ku'damm ganhou uma concorrente, mas, ainda assim, a tradição continua levando van-

tagem em número de visitantes. Por lá passam em média 7,6 mil pessoas por hora.

A Ku'damm está em constante mudança. Esta rua viu nascer novas formas de viver e viu abrirem e fecharem estabelecimentos que sintetizaram toda uma época. Hoje, pode não ser mais o centro das atenções, mas ainda é a menina dos olhos dos moradores do bairro e dos turistas que não deixam de bater ponto na Ku'damm, seja para visitar a Gedächtniskirche (Igreja da Memória), seja para fazer compras no KaDeWe, a maior loja de departamentos da Europa, nas imediações da avenida. Um dos pontos tradicionais do boulevard, o quiosque de salsicha aberto em 1953, na altura do número 195, continua lá, ainda que em seu entorno tenha sido construído um enorme prédio de escritórios. O local é aberto 24h e frequentado por celebridades como o pintor George Baselitz, o tenista Boris Becker, o prefeito de Berlim, Klaus Wowereit, e os ex-chanceleres Gerhard Schröder e Helmut Kohl.

Neste ano, a Ku'damm está festejando o seu 125º aniversário com eventos programados ao longo do ano. De palco da vanguarda e protestos políticos ao paraíso das compras, não há sequer uma esquina que não tenha uma história para contar. A Kurfürstendamm tem *flair*, sempre teve e sempre terá.

Rolf Eden ditou as regras da 'nightlife' berlinense durante décadas

| SEGUNDA-FEIRA | TERÇA-FEIRA | QUARTA-FEIRA | QUINTA-FEIRA | SEXTA-FEIRA | SÁBADO | DOMINGO |
|---------------|---|-----------------|---|----------------|--------------------|----------------|
| Felipe Hirsch | PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim | Francisco Bosco | PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles | Hermano Vianna | José Miguel Wisnik | Caetano Veloso |